"Uma das primeiras histórias sobre múmias"



A MALDIÇÃO DA MÚMIA

LOUISA MAY ALCOTT

A MALDIÇÃO DA MÚMIA

LOUISA MAY ALCOTT
(1832-1888)

Título original em inglês:
THE MUMMY'S CURSE (1869)

Capa, Tradução e Revisão:
ALEX ZUCHI

Direitos da capa:
https://www.pxfuel.com/en/free-photo-ovmne

I

— E o que são essas, Paul? — perguntou Evelyn, abrindo uma caixa dourada com manchas, e examinando seu conteúdo com curiosidade.

— Sementes de alguma planta egípcia desconhecida — respondeu Forsyth, com uma repentina sombra em seu rosto moreno, enquanto olhava para os três grãos escarlates que estavam sobre a mão branca erguida em sua direção.

— Onde você os conseguiu? — perguntou a garota.

— Essa é uma história estranha, que só vai lhe assombrar se eu contar a você — disse Forsyth, com uma expressão ausente que excitou fortemente a curiosidade da garota.

— Por favor conte-a, eu gosto de histórias estranhas, e elas nunca me incomodam. Ah, conte-a; suas histórias são sempre tão interessantes — ela exclamou, olhando para ele com uma mistura tão bonita de súplica e comando em seu rosto encantador, que a recusa era impossível.

— Você vai se arrepender disso, e talvez eu também; aviso-a de antemão que é predito dano ao possuidor dessas sementes misteriosas — disse Forsyth sorrindo, até mesmo enquanto unia as sobrancelhas negras e observava o rosto diante dele, com um olhar afeiçoado, porém agourento.

— Vamos lá, conte, não tenho medo desses belos grãos — respondeu ela, com um aceno autoritário.

— Ouvir é obedecer. Deixe-me interpretar os fatos, e então começarei — retrucou Forsyth, andando de um lado para o outro com o olhar distante de quem vira as páginas do passado.

Evelyn observou-o por um momento e depois retornou para o seu trabalho, ou brincadeira, pois a tarefa parecia bem adequada à vivaz criaturinha, metade criança, metade mulher.

— Enquanto estava no Egito — começou Forsyth lentamente. — Fui um dia com o meu guia e o professor Niles explorar a pirâmide

de Quéops. Niles tinha uma mania por antiguidades de todos os tipos e esquecia-se do tempo, o perigo e a fadiga no ardor de suas buscas. Nós investigávamos de cima a baixo as passagens estreitas, meio sufocantes pela poeira e o ar fechado; lendo as inscrições nas paredes, tropeçando em caixões de múmias despedaçados ou ficando cara a cara com algum espécime enrugado e empoleirado como um duende nas prateleiras onde os mortos costumavam ser guardados por séculos. Eu estava extremamente cansado depois de algumas horas e implorei ao professor para que retornássemos. Mas ele estava empenhado em explorar certos lugares e não desistiria. Tínhamos apenas um guia, então fui forçado a ficar, mas Jumal, nosso guia, percebendo como eu estava cansado, nos propôs que descansássemos numa das maiores passagens, enquanto ele iria procurar outro guia para Niles. Nós concordamos com a ideia e ele nos garantiu que estávamos perfeitamente seguros, se não saíssemos daquele local. Jumal nos deixou, prometendo voltar rapidamente. O professor sentou-se para tomar notas de suas pesquisas e, esticando-me na areia macia, adormeci.

— Fui despertado por uma percepção indescritível que instintivamente nos alerta sobre o perigo e, levantando-me, me vi sozinho. Uma tocha queimava fracamente onde Jumal a fixara, mas Niles e a outra tocha haviam desaparecido. Uma terrível sensação de solidão me oprimiu por um momento, depois me recompus e olhei bem ao meu redor. Um pedaço de papel estava preso ao meu chapéu, que encontrava-se largado perto de mim e, com a caligrafia do professor, estavam escritas as seguintes palavras:

“Voltei um trecho para refrescar minha memória de certos pontos. Não me siga até Jumal chegar. Posso encontrar o caminho de volta até você, pois tenho uma indicação. Durma bem e sonhe gloriosamente com os faraós. N. N”.

— Primeiro ri do velho entusiasta, depois me senti ansioso, depois inquieto, e finalmente resolvi segui-lo, pois descobri um robusto cordão preso a uma pedra caída e sabia que essa era a indicação da qual ele falara. Deixando um bilhete para Jumal, peguei minha tocha e refiz meus passos, seguindo o cordão ao

longo dos caminhos sinuosos. Chamei-o muitas vezes, mas não recebi resposta, então segui em frente, esperando, a cada passo, ver o velho debruçado sobre alguma relíquia mofada da antiguidade. De súbito, o cordão chegou ao fim e, abaixando minha tocha, vi que as pegadas haviam prosseguido.

— Rash, meu companheiro, ele vai se perder, com certeza — pensei, realmente alarmado agora.

— Quando parei, uma voz fraca me alcançou, e eu a respondi, esperei, gritei novamente, e um eco ainda mais fraco respondeu.

— Niles evidentemente prosseguia, enganado pelas reverberações das baixas passagens. Não havia tempo a perder e, esquecendo da minha posição, enfiei minha tocha na areia profunda para me guiar de volta à indicação e corri pelo caminho reto diante de mim, berrando como um louco enquanto avançava. Eu não queria perder a luz de vista, mas, pelo desejo de encontrar Niles, me afastei da passagem principal e, guiado por sua voz, apressei-me. Sua tocha logo encontrou meus olhos e o movimento de suas mãos trêmulas me dizia que agonia ele havia sofrido.

— Vamos sair deste lugar horrível de uma vez — disse ele, limpando as grandes gotas de suor da testa.

— Venha, não estamos longe da indicação. Logo poderei alcançá-la, e então estaremos seguros — mas enquanto eu falava, um calafrio passou por mim, pois um labirinto perfeito de caminhos estreitos estava diante de nós.

— Tentando me guiar pelas pegadas na areia que observara em minha passagem apressada, segui essas marcas até imaginar que devíamos estar perto da minha tocha. No entanto, nenhum brilho apareceu e me ajoelhei para examinar as pegadas mais próximas, e assim descobri, para minha consternação, que estava seguindo as pegadas erradas, pois, entre aquelas marcadas por um salto profundo, havia pegadas de pés descalços, portanto, não havíamos sido guiados até lá e Jumal usava sandálias.

— Levantando-me, confrontei Niles com uma única palavra desesperadora: 'Perdidos!' enquanto apontava da areia traiçoeira para a luz que se apagava rapidamente.

— Pensei que o velho ficaria impressionado, mas, para a minha surpresa, ele se manteve bastante calmo e firme, permanecendo pensativo por um momento e depois continuou dizendo em voz baixa:

— Outros homens passaram por aqui antes de nós; vamos seguir seus passos, pois, se eu não estiver muito errado, eles conduzem para as grandes passagens, onde poderemos encontrar o caminho de saída facilmente.

— Continuamos bravamente até que um passo em falso jogou violentamente o professor no chão com uma perna quebrada e quase apagou a tocha. Era uma situação horrível, e perdi toda a esperança ao me sentar ao lado do pobre sujeito, que estava deitado, exausto de fadiga, remorso e dor, pois eu não o abandonaria.

— Paul — ele disse subitamente. — Se você não continuar, há mais uma coisa que podemos fazer. Lembro-me de ouvir que um grupo perdido como nós se salvou fazendo uma fogueira. A fumaça penetrou mais do que o som ou a luz, e o raciocínio rápido do guia compreendeu o que era a incomum névoa; ele a seguiu e resgatou o grupo. Faça fogo e confie em Jumal.

— Uma fogueira sem madeira? — falei, mas ele apontou para uma prateleira atrás de mim, que havia escapado dos meus olhos na penumbra, e nela vi um estreito caixão de múmia. Eu o entendi, pois esses caixões secos, que jaziam ali as centenas, poderiam ser usados como madeira para a fogueira. Estendendo a mão, puxei-o para baixo, acreditando que estava vazio, mas quando caiu, ele se abriu e dele rolou uma múmia. Acostumado como eu estava a tais visões, ela me assustou só um pouco, pois o perigo havia desviado minha atenção. Deixando de lado a pequena crisálida marrom, quebrei o caixão, acendi a pilha com minha tocha e logo uma leve nuvem de fumaça percorreu as três passagens que divergiam do lugar parecido com uma célula onde havíamos parado.

Enquanto estava ocupado com o fogo, Niles, esquecido da dor e do perigo, arrastou a múmia para mais perto e a examinou com o interesse de um homem cuja paixão dominante permanecia forte mesmo na morte.

— Venha me ajudar a desenrolar isso. Eu sempre desejei ser o primeiro a ver e garantir os tesouros curiosos guardados entre as dobras desses lençóis sinistros. Esta é uma mulher, e talvez encontremos algo raro e precioso aqui — disse ele, começando a desdobrar os revestimentos externos, de onde provinha um odor aromático estranho.

— Relutantemente eu obedeci, pois para mim havia algo de sagrado nos ossos dessa mulher desconhecida. Mas, para passar o tempo e divertir o pobre sujeito, dei uma mão, imaginando enquanto trabalhava se aquela coisa feia e sombria já fora alguma vez uma adorável garota egípcia de olhos meigos.

— Das dobras fibrosas das ataduras caíram gomas e especiarias preciosas, que meio que nos embriagaram com seu cheiro forte, além de moedas antigas e uma ou duas joias curiosas, que Niles examinou ansiosamente.

— Todas as ataduras, exceto uma, foram finalmente cortadas, e surgiu uma pequena cabeça sem adornos, redonda, da qual ainda pendia grandes tranças do que antes foram cabelos exuberantes. As mãos enrugadas estavam dobradas sobre o peito, e presa nessas mãos estava essa caixa dourada.

— Ah! — exclamou Evelyn, deixando-a cair da palma da mão com um tremor.

— Não; não rejeite o tesouro da pobre múmia. Nunca me perdoei por roubá-la ou por ter queimado ela — disse Forsyth, pintando rapidamente, como se a lembrança dessa experiência emprestasse energia a sua mão.

— Ter queimado ela! Oh, Paul, o que você quer dizer? — perguntou a garota, sentando-se com o rosto cheio de agitação.

— Vou lhe contar. Enquanto estava ocupado com Madame la Momie, nossa fogueira havia começado a se apagar, pois o caixão estava praticamente consumido. Um som fraco e distante fez nossos corações saltarem, e Niles gritou: — Empilhe mais madeira; Jumal está nos rastreando; não deixe a fumaça falhar agora ou estamos perdidos!

— Não há mais madeira; o caixão era muito pequeno e ele já queimou — respondi, arrancando minhas roupas já que elas queimariam prontamente e as empilhando sobre as brasas.

— Niles fez o mesmo, mas os tecidos leves foram rapidamente consumidos e não levantaram fumaça.

— Queime aquilo! — ordenou o professor, apontando para a múmia.

— Hesitei um momento. Novamente surgiu o eco fraco de uma buzina. A vida era muito importante para mim. Alguns ossos secos poderiam nos salvar, e eu obedeci o professor em silêncio.

— Uma chama fraca se elevou, e uma fumaça pesada subiu da múmia em chamas, se dispersando volumosamente pelas passagens baixas e ameaçando nos sufocar com sua névoa perfumada. Minha mente ficou atordoada, a luz dançava diante dos meus olhos, fantasmas estranhos pareciam com pessoas no ar e, no ato de perguntar a Niles porque ele estava ofegando e parecendo tão pálido, perdi a consciência.

Evelyn respirou profundamente e afastou os brinquedos perfumados do colo, como se o odor deles a oprimisse.

O rosto moreno de Forsyth estava vermelho com a emoção de sua história, e seus olhos negros brilhavam quando ele acrescentou, com uma risada rápida:

— Isso é tudo; Jumal nos encontrou e nos tirou de lá, e nós dois renunciamos as pirâmides pelo resto de nossos dias.

— Mas e a caixa: por que você a guardou? — perguntou Evelyn, olhando-a de soslaio, enquanto ela brilhava por uma faixa de sol.

— Oh, eu a trouxe como lembrança, e Niles ficou com as outras bugigangas.

— Mas você disse que é predito dano ao possuidor daquelas sementes escarlates — persistiu a garota, cuja imaginação era excitada pela história, e que pensava que nem tudo estava sendo contado.

— Entre seus espólios, Niles encontrou um pedaço de pergaminho, o qual ele decifrou, e essa inscrição dizia que a múmia

que queimamos tão desalentadamente era a de uma feiticeira famosa que deixara sua maldição para quem perturbasse o seu descanso. É claro que não acredito que aquela maldição tenha alguma coisa a ver com isso, mas é um fato que Niles nunca prosperou a partir daquele dia. Ele diz que é porque nunca se recuperou da queda e do medo, e ouso dizer que seja por essas coisas; mas às vezes me pergunto se devo compartilhar a maldição, pois carrego uma veia de superstição em mim, e aquela pobre múmia ainda assombra os meus sonhos.

Um longo silêncio seguiu essas palavras. Paul pintava mecanicamente e Evelyn ficou olhando para ele com uma expressão pensativa. Mas fantasias sombrias eram tão estranhas à sua natureza quanto as sombras ao meio-dia, e naquele momento ela riu uma risada animada, dizendo ao pegar a caixa novamente:

— Por que você não planta essas sementes e vê que flor maravilhosa elas carregam?

— Duvido que elas carreguem alguma coisa depois de ficarem na mão de uma múmia por séculos — respondeu Forsyth, de maneira séria.

— Deixe-me tentar plantá-las. Você sabia que o trigo brotou e cresceu a partir do que foi retirado do caixão de uma múmia; por que não essas belas sementes? Eu gostaria de vê-las crescer; posso tentar, Paul?

— Não, prefiro deixar esse experimento não posto à prova. Tenho um sentimento estranho sobre o assunto e não quero me intrometer ou deixar que alguém que eu amo se intrometa com essas sementes. Elas podem ser um veneno horrível ou carregar algum poder maligno, pois a feiticeira evidentemente as estimava, já que ela as apertava firmemente, mesmo em sua tumba.

— Ora, você é um tolo supersticioso, e eu rio de você. Seja generoso; me dê uma semente, apenas uma para saber se ela crescerá. Veja, eu pago por ela — e Evelyn, que agora estava ao lado dele, deu um beijo em sua testa enquanto fazia seu pedido, com uma insinuação muito atrativa.

Mas Forsyth não cederia. Ele sorriu e devolveu o abraço com o calor de um homem apaixonado, depois jogou as sementes no fogo e devolveu-lhe a caixa dourada, dizendo com ternura:

— Minha querida, eu vou encher essa caixa com diamantes ou bombons, se você quiser, mas não vou deixar você brincar com os feitiços daquela bruxa. Você já tem o suficiente, então esqueça as “lindas sementes” e veja a Luz do Harem que eu fiz de você.

Evelyn franziu a testa e sorriu, e naquele instante o casal de namorados estava na rua, sob o sol da primavera e envolvidos com suas próprias esperanças de felicidade, sem se preocupar com um medo agourento.

II

— Tenho uma pequena surpresa para você, meu amor — disse Forsyth, enquanto cumprimentava seu primo três meses depois da manhã do dia do casamento do parente.

— E eu tenho uma para você — respondeu ela, sorrindo levemente.

— Como você está pálida e magra! Toda essa agitação nupcial é demais para você, Evelyn — ele disse, ansioso, enquanto observava a estranha palidez do rosto da mulher e apertava a pequena mão dela na sua.

— Estou tão cansada — disse ela, e apoiou sua cabeça no peito de seu amado. — Nem sono, comida ou ar me dão forças, e uma névoa curiosa parece nublar minha mente às vezes. Mamãe diz que é o calor, mas eu tremo até ao sol, enquanto à noite queimo de febre. Paul, querido, fico feliz que você vai me levar para uma vida tranquila e feliz com você, mas temo que ela seja muito curta.

— Minha pequena esposa fantasiosa! Você está cansada e nervosa com toda essa preocupação, mas algumas semanas de descanso no campo nos trarão de volta a nossa radiante Eve. Você não está curiosa para saber sobre a minha surpresa? — ele perguntou, tentando mudar os pensamentos da mulher.

O olhar vago no rosto da garota deu lugar a um olhar de interesse, mas enquanto o ouvia, ela tinha que se esforçar para fixar sua mente nas palavras de seu amado.

— Você se lembra do dia em que vasculhamos o antigo gabinete?

— Sim — e um sorriso tocou os lábios dela por um momento.

— E como você queria plantar aquelas estranhas sementes vermelhas que roubei da múmia?

— Eu lembro — e seus olhos se acenderam com um fogo repentino.

— Bem, eu as joguei no fogo, como achei que tinha feito, e lhe dei a caixa. Mas quando voltei para cobrir minha pintura, encontrei uma daquelas sementes no tapete, e um súbito desejo de satisfazer os seus caprichos me levou a enviá-la para Niles e pedir-lhe para plantar e relatar o seu progresso. Hoje ouvi dele pela primeira vez, e ele relata que a semente se desenvolveu maravilhosamente, brotou e que pretende colher a primeira flor, se ela florescer a tempo, para uma reunião de famosos cientistas, após a qual ele me enviará seu nome verdadeiro e a própria planta. Pela descrição dele, ela deve ser muito curiosa, e estou impaciente para vê-la.

— Você não precisa esperar; eu posso lhe mostrar a flor em sua floração — e Evelyn acenou com um sorriso mecânico e duradouro, e um tanto quanto estranho em seus lábios.

Muito surpreso, Forsyth a seguiu até seu pequeno quarto privado e ali, de pé ao sol, estava a planta desconhecida. Quase luxuriantes eram as folhas verdes e vívidas nas finas hastes roxas e, elevando-se do meio, uma flor branca fantasmagórica, na forma da cabeça de uma serpente encapuzada, com estames escarlates como línguas bifurcadas e nas pétalas manchas brilhantes como o orvalho.

— Uma flor estranha e misteriosa! Ela tem algum cheiro? — perguntou Forsyth, curvando-se para examiná-la e esquecendo, em seu interesse, de perguntar como a planta fora parar ali.

— Nenhum, e isso me decepciona, eu gosto tanto de perfumes — respondeu a garota, acariciando as folhas verdes que tremiam ao seu toque, enquanto as hastes roxas se tornavam ainda mais roxas.

— Agora me fale sobre a planta — disse Forsyth, depois de ficar em silêncio por alguns minutos.

— Eu estava diante de você e guardei uma das sementes, pois duas caíram no tapete. Plantei-a dentro de um vidro com a terra mais fértil que pude encontrar, reguei-a fielmente e fiquei impressionada com a rapidez com que crescia assim que ela apareceu acima da terra. Não contei a ninguém, pois queria surpreendê-lo com a planta; mas esse broto estava tão demorado para abrir em flor que eu tive que esperar. É um bom presságio que

tenha florescido hoje, e como é quase toda branca, pretendo usá-la, pois aprendi a amá-la, já que acabou se tornando minha planta de estimação após tanto tempo.

— Eu não a usaria, pois, apesar de sua cor inocente, é uma planta de aparência maligna, com sua língua de serpente e esse orvalho não natural. Espere até Niles nos dizer o que é, e depois use-a, se for inofensiva.

— Talvez minha feiticeira a tenha apreciado por alguma beleza simbólica... aqueles antigos egípcios eram cheios de fantasias. Foi muito dissimulado de sua parte virar a mesa sobre mim dessa maneira. Mas eu lhe perdoo, já que em algumas horas irei acorrentar esta mão misteriosa para sempre. Como está frio! Vamos sair para o jardim e pegar um pouco desse calor e uma cor para a noite, meu amor.

Mas quando a noite chegou, ninguém podia censurar a garota por sua palidez, pois ela brilhava como uma flor de romã, seus olhos estavam cheios de fogo, seus lábios escarlates, e toda a sua antiga vivacidade parecia ter retornado. Uma noiva mais brilhante jamais corara sob um véu nebuloso assim e, quando seu amado a viu, ele ficou absolutamente surpreso com a beleza quase sobrenatural daquela mulher radiante, muito diferente da criatura pálida e lânguida da manhã.

Eles estavam casados, e se amor, muitas bênçãos e todos os bons presentes abundantemente derramados sobre eles pudessem fazê-los felizes, então esse jovem casal seria verdadeiramente abençoado. Mas mesmo no êxtase do momento que fez ela ser dele, Forsyth observou o quão gelada estava a pequena mão que ele segurava, quão febril e de uma tonalidade profunda estava a bochecha macia que ele beijou e que fogo estranho queimava nos olhos carinhosos que pareciam tão melancolicamente direcionados para ele.

Alegre e bonita como um espírito, a noiva sorridente desempenhou seu papel em todas as festividades daquela longa noite e, quando finalmente a vida e a cor começaram a desaparecer, os olhos amorosos que a observavam julgavam que era apenas o cansaço natural da hora tardia. Quando o último convidado partiu,

Forsyth foi recebido por um criado, que lhe deu uma carta escrita “Urgente” no envelope. Rasgando-a, ele leu estas linhas, de um amigo do professor:

“CARO SENHOR. O pobre Niles morreu repentinamente há dois dias, enquanto estava no Clube Científico, e suas últimas palavras foram: *'Diga a Paul Forsyth para tomar cuidado com a Maldição da Múmia, porque esta flor fatal me matou.'* As circunstâncias de sua morte foram tão peculiares que eu as adicionei como uma sequência desta mensagem. Por vários meses, como nos havia dito, ele esteve observando uma planta desconhecida e naquela noite ele nos trouxe a flor para examinarmos. Outras questões importantes nos mantiveram envolvidos até uma hora tardia, e a planta acabou sendo esquecida. O professor usou-a na lapela – uma estranha flor branca, com a cabeça de uma serpente, com manchas brilhantes e pálidas, que lentamente se transformavam num escarlate brilhante, até que as folhas pareciam como se tivessem sido borrifadas com sangue. Foi observado que, em vez da palidez e da fraqueza que o atingiram recentemente, o professor estava extraordinariamente animado e parecia num estado quase não natural de alto astral. Perto do final da reunião, em meio a uma discussão animada, ele caiu de repente, como se fosse acometido por uma apoplexia. Niles foi levado para casa sem reação e, após um intervalo de lucidez, no qual me deu a mensagem que registrei acima, morreu em grande agonia, delirando sobre múmias, pirâmides, serpentes e alguma maldição fatal que recaíra sobre ele.

“Após sua morte, manchas escarlates e lívidas, como as da flor, apareceram em sua pele, e ele murchou como uma folha murcha. A meu pedido, a planta misteriosa foi examinada e identificada pelo maior especialista como um dos venenos mais mortais conhecidos pelos feiticeiros egípcios. A planta absorve lentamente a vitalidade de quem a cultiva, e a flor, usada por duas ou três horas, pode induzir a loucura ou a morte”.

O papel caiu da mão de Forsyth; ele não leu mais nada, mas correu de volta para a sala onde havia deixado sua jovem esposa. Como se estivesse debilitada pela fadiga, ela havia se jogado sobre

um sofá e ali ficara imóvel, com o rosto meio escondido pelas dobras do véu.

— Evelyn, minha querida! Acorde e me responda. Você usou aquela flor estranha hoje? — sussurrou Forsyth, afastando dela o véu.

Não havia necessidade de ela responder, pois lá, reluzindo espectralmente em seu peito, estava a flor do mal, suas pétalas brancas manchadas agora carregavam nódoas vermelhas, vívidas como gotas de sangue recém derramado.

Mas o infeliz recém casado mal a viu, pois o rosto acima o assustava por sua absoluta falta de expressão. Desbotado e pálido como se padecesse por alguma doença devastadora, o rosto jovem, tão adorável há uma hora atrás, estava agora envelhecido e murcho pela influência maligna da planta que havia drenado a sua vida. Nenhum reconhecimento em seus olhos, nenhuma palavra em seus lábios, nenhum movimento de sua mão – apenas uma respiração fraca, o pulso agitado e os olhos bem abertos, mostravam que ela estava viva.

Infelizmente para a jovem esposa! O medo supersticioso com o qual ela rira havia se revelado verdadeiro: a maldição que aguardava por séculos era finalmente cumprida, e sua própria mão havia destruído sua felicidade para sempre. A morte durante a vida era o seu destino, e por muitos anos Forsyth se isolou para cuidar com uma devoção patética o fantasma pálido, que nunca, por palavras ou olhares, poderia agradecê-lo pelo amor que sobrevivia a um destino como esse.

Sobre o tradutor / autor

Alex Zuchi nasceu em Sapucaia do Sul, no estado do Rio Grande do Sul em 1977. É formado em Inglês e Engenharia de Produção pela UNISINOS e Pós—Graduado em Gestão de Projetos pela UNINTER, além de ser o vocalista e letrista da banda de Death Metal IN TORMENT. Atualmente reside em São Leopoldo/RS.

Traduções:

(https://amzn.to/2Pwg6mM)

Livros do tradutor:

— A TRANSCENDÊNCIA DA CARNE.

(https://amzn.to/2L9hEgs)

— INFERIS

(https://amzn.to/2MGkONw)

— O HOMEM QUE ODIAVA

(http://bit.do/o—homem—que—odiava)

— A LUZ NOTURNA

(http://bit.do/a-luz-noturna-alex-zuchi)

Contato:

Mailto:alexzuchi@hotmail.com

Site oficial:

https://alexzuchi.wixsite.com/site

Gostou do livro / tradução? Deixe sua avaliação no Amazon!